

Niterói: para além da melhor visão do Rio de Janeiro

Angela de Castro Gomes (Org.)

Personagens e imagens de uma cidade

Rio de Janeiro, FAPERJ/Mauad, 2001, 140 p.

Resenhado por Beatriz Kushnir*

INSERIDO NO PROJETO “História, Memória e Historiografia” do Laboratório de História Oral (LABOI) da Universidade Federal Fluminense (UFF), o livro *Personagens e Imagens de uma Cidade* traz à tona figuras, lembranças e histórias da cidade de Niterói, tendo como fonte as memórias de cinco entrevistados, seus moradores. As “falas” escolhidas pela organizadora, a professora Angela de Castro Gomes, são de Almiro Baraúna, “o fotógrafo da cidade”; Dionysio de Moraes, artista plástico e carnavalesco, famoso por suas máscaras de carnaval; Afonso Marques dos Reis, músico e maestro; Hélio de Oliveira Silva, atleta e campeão de natação, mais conhecido como *Paluca*; e Carlos Ruas, jornalista e colunista social.

Os exercícios da guarda da memória e reflexão sobre os processos históricos pela via do depoimento oral fazem parte do ofício desta pesquisadora há algum tempo. Desde fins da década de 1980, ao publicar as entrevistas elaboradas para a sua tese de doutoramento *Velhos Militantes* (Gomes, 1988), como também em volumes mais recentes

* Doutora em História pela UNICAMP.

(*Histórias de Famílias: Entre a Itália e o Brasil*, 1999; e *Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro*, 2000), a metodologia e a importância desse resgate de *histórias de vida* estão presentes. No caso específico de *Personagens e Imagens de uma Cidade*, a dinâmica ganha também um sentido pedagógico, pois traz os estudantes para a coleta dos depoimentos, fazendo-os se envolverem tanto com as etapas do trabalho do historiador, como também com a trajetória da cidade onde a universidade está.

Das narrativas desses personagens escolhidos, desponta um colecionador de câmeras antigas, retratista de paisagens – da região oceânica da cidade –, que foi o fotógrafo oficial do então governador do Estado do Rio, Roberto da Silveira. Almiro Baraúna reconstrói uma Niterói pacata e feliz, traço comum em todos os outros relatos, e descortina o tempo em que o Cassino Icaraí agitava as noites da cidade. Mas da sua narrativa também brota uma idéia: a importância de uma reflexão sobre a trajetória desse governador, morto em um acidente de helicóptero em fevereiro de 1961, e a aura de sucesso em que seu trabalho está mergulhado.

Um misto de sanitarista e carnavalesco, Dionysio de Moraes traz de volta a imagem das velhas barcas, ainda movidas por pás gigantescas que giravam e levavam a todos ao então Distrito Federal. Sua entrevista conta também do seu trabalho no Instituto Vital Brasil, do seu talento de desenhista de animais e das questões que envolviam a Saúde Pública no período. O lado lúdico da cidade é rememorado nos dois cinemas, o Mandaro e o Santa Rosa, e na sua paixão e técnica em confeccionar máscaras para o Carnaval. De cada um desses temas há uma porta de acesso a esse universo múltiplo por onde Dionysio passou.

Mestre Afonso e a banda do tradicional colégio Salesianos impõem outro ritmo à narrativa. As lembranças do canto Orfeônico e da influência de Villa-Lobos sublinham uma imagem de tempos felizes, lembrando que quando chegou “a Niterói, vindo de Lorena, no final dos anos de 1940, a cidade me pareceu enorme. E linda! Em Icaraí o mar vinha mais perto” (p. 79).

Já o mundo religioso e de tradições do ensino como o Salesianos ou o São Bento foram diferentemente percebidos por Hélio de Oliveira Silva. *Paluca*, exímio nadador e um ser livre por natureza, não conseguiu adaptar-se às regras religiosas, retiros e orações e preferiu as raias

da piscina do Clube de Regatas Icaraí, as Olimpíadas e campeonatos internacionais, e a prática da Educação Física, mesmo que no Exército. Isto lhe possibilitou, posteriormente, fundar o Departamento desta disciplina na UFF.

Carlos Ruas, filho de portugueses e carioca da Lapa, foi fotógrafo e colunista social, um híbrido de jornalista, funcionário público e amante da fotografia. Sua figura de *gentleman* faz seu depoimento transcender para além da cidade de forma diversa dos outros. Mas é também dessa narrativa, das suas histórias de Niterói e do país nos *anos dourados* e das *misses*, que o juízo construído no contemporâneo acerca do período fica mais nítido. Como o próprio Ruas analisa: “o povo era feliz e não sabia: aqueles foram anos dourados. Mas só descobrimos isso muito tempo depois” (p. 137).

Sentenciado de forma categórica pelos depoimentos e no imaginário corrente, o grande “mal” que desabou sobre a cidade não foi o famoso incêndio do Circo Americano, ou a morte do governador. A fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio, que tirou de Niterói, a partir de 1975, o *status* de capital, é o ponto nevrálgico. Como sublinhou Baraúna, “o que estragou Niterói foi a fusão, foi a ponte” (p. 23). E Ruas completa: “enquanto foi capital a cidade atraiu os negócios de maior peso, os interesses políticos e os principais acontecimentos sociais do estado. A fusão com a antiga Guanabara [...] foi uma paulada!” (p. 118). Niterói ainda não conseguiu se perceber como cidade do interior do Estado, sendo este o grande dilema até hoje, uma verdadeira crise de identidade.

Além de registrar todo esse conflito urbano que a cerca nesses últimos 25 anos, e as piadas que rondam a cidade – até a estátua de Araribóia está de costas, olhando para o Rio, o grande espelho... –, *Personagens e Imagens de uma Cidade* tem o mérito de registrar narrativas cotidianas. Desta perspectiva, as “vantagens” dessa relação tão direta entre o pesquisador e suas fontes são inúmeras. Há a possibilidade de um recorte espaço-temporal-social e, assim, do exercício de uma micro-história. Além disso, a proximidade entre entrevistador e entrevistado, o “seu” objeto ao alcance das mãos, faz emergir os prazeres e angústias que qualquer contigüidade gera.

Personagens e Imagens de uma Cidade materializa o saldo positivo de um texto com linguagem mais coloquial e direta, auxiliando outros

trabalhos acadêmicos e também permitindo o acesso de um público maior. Esse diálogo com um grupo de leitores diversificado e mais amplo em um texto que seja acadêmico, mas também saboroso, que amplie as fronteiras, torna, sem dúvida, a feitura do trabalho muito mais difícil. Mas a concretização dessa possibilidade, que o livro confirma, é um ganho incomensurável.

Referências bibliográficas:

GOMES, A.C. *Velhos Militantes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

_____. *Histórias de Famílias: Entre a Itália e o Brasil*. Niterói, Muiraquitã, 1999.

_____. *Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 2000.